

O Dispositivo Intercessor (DI) e os desafios emergentes para a produção da práxis nos processos formativos dos trabalhadores da Assistência Social

Virgílio Paulo da Silva Alves

Resumo

O texto aqui apresentado versa sobre a experiência de apropriação do Dispositivo Intercessor (DI) como estratégia de trabalho para a localização na Assistência Social (AS) como instituição, buscando produzir a práxis nos processos de formação operados com os trabalhadores, e como análise para produzir conhecimento sobre o saber-fazer gerado na práxis. As experiências analisadas referem-se aos processos de Assessoria e Supervisão Técnica realizados com trabalhadores que atuavam em três Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) e três Centros de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) de dois municípios do interior paulista. A Educação Permanente do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) se constitui como um campo de trabalho em que muitas empresas ofertam ações, tendo como seu público prioritário os trabalhadores. As ações desenvolvidas são constituídas por encomendas que carregam de modo implícito as demandas formadas por problemas vivenciados pelos sujeitos como efeitos das desigualdades sociais e da estratificação por Classe Social com intersecções de etnia/raça e gênero, fortalecidas pelos discursos colonizadores. Essas ações podem produzir nos trabalhadores efeitos éticos e políticos de objetificação do sujeito, fortalecendo as forças capitalistas instituídas para a manutenção das desigualdades sociais. O DI é uma estratégia de trabalho e de análise que se configura como possibilidade para qualquer trabalhador que almeja operar em instituições, produzindo outros efeitos singularizantes, a partir de certa implicação subjetiva com o trabalho e algumas noções conceituais-teóricas, éticas, políticas e socioculturais de um campo transdisciplinar mobilizado para o enfrentamento da complexidade existente no Trabalho Social, confrontando os agenciamentos Modo Capitalista de Produção (MCP) presentes nas práticas sociais dos trabalhadores. Em suma, o DI foi a estratégia, no âmbito da nossa Intercessão-Pesquisa, para se tentar subverter a lógica disciplinar como efeito do trabalho na população. As experiências problematizadas podem contribuir para que outros trabalhadores que objetivam a transformação social se inspirem para confrontar os processos instituídos na AS e em outras instituições de Políticas Públicas.

Palavras-Chave: Intercessão-pesquisa; Dispositivo Intercessor; Assistência Social; Educação Permanente; Práxis

El Dispositivo Intercesor (DI) y los desafíos emergentes para la producción de praxis en los procesos de formación de trabajadores de la Asistencia Social

Resumen

El texto aquí presentado trata sobre la experiencia de apropiación del Dispositivo Intercesor (DI) como estrategia de trabajo para la localización en la Asistencia Social (AS) como institución, buscando producir la praxis en los procesos de formación operados con los trabajadores, y como análisis para generar conocimiento sobre el saber-hacer generado en la praxis. Las experiencias analizadas se refieren a los procesos de Asesoría y Supervisión Técnica realizados con trabajadores que actuaban en tres Centros de Referencia de Asistencia Social (CRAS) y tres Centros de Referencia Especializados de Asistencia Social (CREAS) de dos municipios del interior de São Paulo. La Educación Permanente del Sistema Único de Asistencia Social (SUAS) se constituye como un campo de trabajo en el que muchas empresas ofrecen acciones, teniendo como público prioritario a los trabajadores. Las acciones desarrolladas están constituidas por encargos que implícitamente llevan las demandas formadas por problemas vividos por los sujetos como efectos de las desigualdades sociales y de la estratificación por Clase Social con intersecciones de etnia/raza y género, reforzadas por los discursos colonizadores. Estas acciones pueden generar en los trabajadores efectos éticos y políticos de objetivación del sujeto, fortaleciendo las fuerzas capitalistas instituidas para el mantenimiento de las desigualdades sociales. El DI es una estrategia de trabajo y de análisis que se configura como posibilidad para cualquier trabajador que aspire a operar en instituciones, produciendo otros efectos singularizantes, a partir de cierta implicación subjetiva con el trabajo y algunas nociones conceptuales-teóricas, éticas, políticas y socioculturales de un campo transdisciplinario movilizado para enfrentar la complejidad existente en el Trabajo Social, confrontando los agenciamentos del Modo Capitalista de

Producción (MCP) presentes en las prácticas sociales de los trabajadores. En resumen, el DI fue la estrategia, en el ámbito de nuestra Intercesión-Investigación, para intentar subvertir la lógica disciplinaria como efecto del trabajo en la población. Las experiencias problematizadas pueden contribuir para que otros trabajadores que objetivan la transformación social se inspiren para confrontar los procesos instituidos en la AS y en otras instituciones de Políticas Públicas.

Palabras-clave: Investigación-intercesión; Dispositivo Intercesor; Asistencia Social; Educación Continua; Práctica.

The Intercessor Device and the emerging challenges for the production of praxis in the training processes of Social Assistance Workers

Abstract

The text presented here addresses the experience of appropriation of the Intercessor Device (ID) as a work strategy for localization in Social Assistance (SA) as an institution, aiming to produce praxis in the training processes operated with workers, and as an analysis to generate knowledge about the know-how produced in praxis. The experiences analyzed refer to the processes of Advisory and Technical Supervision conducted with workers who worked in three Social Assistance Reference Centers (CRAS) and three Specialized Social Assistance Reference Centers (CREAS) in two municipalities in the interior of São Paulo. Permanent Education of the Unified Social Assistance System (SUAS) constitutes a work field where many companies offer actions, with their primary audience being workers. The developed actions consist of commissions that implicitly carry demands formed by problems experienced by individuals as effects of social inequalities and stratification by Social Class with intersections of ethnicity/race and gender, reinforced by colonizing discourses. These actions can produce ethical and political effects of objectification of the subject in workers, strengthening the established capitalist forces for the maintenance of social inequalities. The ID is a work and analysis strategy that is configured as a possibility for any worker who aspires to operate in institutions, producing other singularizing effects, based on certain subjective involvement with work and some conceptual-theoretical, ethical, political, and sociocultural notions from a transdisciplinary field mobilized to face the complexity existing in Social Work, confronting the arrangements of the Capitalist Mode of Production (CMP) present in the social practices of workers. In summary, the ID was the strategy, within the scope of our Intercession-Research, to try to subvert the disciplinary logic as an effect of work on the population. The problematized experiences can contribute to inspiring other workers who aim for social transformation to confront the established processes in SA and other Public Policy institutions.

Keywords: Intercession-research; Intercessor Device; Social Assistance; Continuing Education; Praxis.

Le Dispositif Intercesseur et les défis émergents pour la production de la praxis dans les processus de formation des travailleurs en Assistance Sociale

Résumé

Le texte présenté ici traite de l'expérience d'appropriation du Dispositif Intercesseur (DI) en tant que stratégie de travail pour la localisation dans l'Assistance Sociale (AS) en tant qu'institution, visant à produire la praxis dans les processus de formation opérés avec les travailleurs, et comme analyse pour générer des connaissances sur le savoir-faire produit dans la praxis. Les expériences analysées se réfèrent aux processus de Conseil et de Supervision Technique réalisés avec des travailleurs qui intervenaient dans trois Centres de Référence de l'Assistance Sociale (CRAS) et trois Centres de Référence Spécialisés de l'Assistance Sociale (CREAS) dans deux municipalités de l'intérieur de São Paulo. L'Éducation Permanente du Système Unifié d'Assistance Sociale (SUAS) constitue un champ de travail dans lequel de nombreuses entreprises proposent des actions, leur public prioritaire étant les travailleurs. Les actions développées sont constituées de commandes qui portent implicitement les demandes formées par des problèmes vécus par les sujets en tant qu'effets des inégalités sociales et de la stratification par Classe Sociale avec des intersections d'ethnie/raza et de genre, renforcées par les discours colonisateurs. Ces actions peuvent produire chez les travailleurs des effets éthiques et politiques d'objectivation du sujet, renforçant les forces capitalistes instituées pour le maintien des inégalités sociales. Le DI est une stratégie de travail et d'analyse qui se configure comme une possibilité pour tout travailleur qui souhaite opérer dans des institutions, produisant d'autres effets singularisants, à partir d'une certaine implication subjective avec le travail et de quelques notions conceptuelles-théoriques, éthiques, politiques et socioculturelles d'un champ transdisciplinaire mobilisé

pour affronter la complexité existante dans le Travail Social, confrontant les agencements du Mode Capitaliste de Production (MCP) présents dans les pratiques sociales des travailleurs. En résumé, le DI a été la stratégie, dans le cadre de notre Intercession-Recherche, pour tenter de subvertir la logique disciplinaire comme effet du travail sur la population. Les expériences problématisées peuvent contribuer à ce que d'autres travailleurs visant la transformation sociale s'inspirent pour confronter les processus institués dans l'AS et dans d'autres institutions des Politiques Publiques.

Mots-clés: Recherche-intercession; Dispositif Intercesseur; Assistance Sociale; Éducation Permanente; Praxis.

1. Introdução

Iremos apresentar algumas práticas relacionadas aos processos formativos dos trabalhadores da AS que desenvolvemos por meio de assessorias aos estabelecimentos socioassistenciais, tais como Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS).

Nossa apropriação do DI ocorreu por meio do desenvolvimento de uma intercessão-pesquisa, essa oriunda do nosso projeto de doutorado. Tal intercessão-pesquisa criou condições para nos reposicionarmos em nossas práticas e concebê-las como práxis.

Nossa aproximação com os elementos teóricos-assistenciais, técnicos-assistenciais, jurídicos-políticos, socioculturais e éticos do DI possibilitou que fossemos – ao longo de nossas práticas de formação junto aos trabalhadores da AS – buscando forjar estratégias de subversão da lógica disciplinar que estariam presente nas ofertas mais comuns de Educação Permanente do SUAS, inclusive em nossas próprias práticas como assessor.

Os trabalhadores assessores que atuam nos processos de formação dos trabalhadores da AS frequentemente enfrentam a exigência de ocupar a posição de especialistas nesses processos. No caso das formações que desenvolvemos, essa situação não foi diferente. De modo desavisado, eventualmente, buscávamos corresponder às expectativas dos trabalhadores que nos faziam as encomendas de formação dos trabalhadores sociais. Pressupúnhamos que era nossa responsabilidade atender as expectativas, sem calcular os efeitos éticos e políticos que nossas práticas poderiam gerar nos trabalhadores, assim como nos sujeitos atendidos por eles. E isso nos despertou as seguintes questões: os processos de formação dos trabalhadores são todos iguais? Como operar com processos de formação dos trabalhadores a partir do DI?

O DI refere-se a um conjunto de estratégias transdisciplinares construído para que os trabalhadores possam operar no trabalho para resistir, subverter, elaborar, metabolizar e se posicionar, com base em uma ética intercessora, na perspectiva da transformação da realidade por meio da produção de práticas singularizadas.

O DI pode ser operado por um trabalhador por meio de dois momentos. O primeiro momento do DI ocorre na própria práxis do trabalho com os sujeitos – no nosso caso, com trabalhadores da AS que participaram das atividades de formação – em que buscamos realizar intercessões e produzir o diário de intercessão como instrumento para analisarmos o que pensávamos e fazíamos. Buscávamos compreender os efeitos éticos e políticos de nossas práticas em nós mesmos e nos sujeitos envolvidos, procurávamos nos reposicionar nelas, com o intuito de produzir a práxis. No segundo momento trata-se de operar com o Dispositivo Intercessor como Meio de Produção do Conhecimento (DIMPC), num plano epistemológico, produzindo saberes a partir da análise crítica das intercessões realizadas (Costa-Rosa, 2008).

Quanto aos planos técnico-assistencial, jurídico-político, sociocultural e ético, o DI inclui a Análise Institucional (AI) de Lourau e Lapassade; o Materialismo Dialético de Marx; a Psicanálise no campo de Freud e Lacan, a Filosofia da Diferença com Deleuze e Guattari e a Sociedade Disciplinar e de Segurança, incluindo o plano das relações de poder de Foucault (Benelli, 2023).

O DI, estratégia adotada em nossa Intercessão-Pesquisa, se refere a uma modalidade de produção de saber e de conhecimento elaborado pelo Prof. Dr. Abílio da Costa-Rosa *in memoriam* (Costa-Rosa, 2008, 2019; Costa-Rosa; Garcia, 2018). As produções no âmbito do DI continuam a ser desenvolvidas pelos trabalhadores intercessores do Laboratório Transdisciplinar de Intercessão-Pesquisa em Processos de Subjetivação e Subjetividade da saúde (LATIPPSS) coordenado pelo Prof. Dr. Silvio José Benelli e inclui suas produções (Benelli; Costa-Rosa, 2011a, 2011b, 2013; Benelli, 2014, 2016, 2019) e de tantos outros colegas (Andrade, 2013; Fiochi, 2015; Galiego, 2013; Garcia, 2013; Goto, 2018; Martini, 2010; Mexko, 2017, 2021; Miranda, 2011; Monghine, 2024, Paes, 2014; Penariol, 2017; Pereira, 2011; Périco, 2014; Proença, 2020; Santos, 2011; Shimoguiri, 2015, 2020; Souza, 2015; Souza, 2019; Stringheta, 2007; Tonon, 2021; Vieira, 2023).

Avaliamos que para enfrentar as desigualdades sociais na AS precisamos nos posicionar de outro modo, operando com práticas sociais em uma perspectiva ampla e transdisciplinar, pois os problemas sociais decorrentes das desigualdades sociais são complexos e exigem tratativas também complexas para não reproduzirmos processos que acabam por contribuir para a manutenção do MCP.

Em nossa análise crítica sobre os processos de formação disponibilizados aos trabalhadores da AS, bem como sobre o Trabalho Social, entendemos que conceber somente os

sujeitos social e político pode gerar efeitos lacunares que, em última análise, tendem a fortalecer as forças hegemônicas institucionais e conseqüentemente a reprodução das desigualdades sociais.

Para enfrentarmos as desigualdades sociais na AS acreditamos que é necessário concebermos, para além dos sujeitos social e político, o plano da subjetividade humana que inclui o sujeito do inconsciente. Dessa forma, o DI pode contribuir para esse feito ao nos permitir reconhecer a importância do sujeito inconsciente e possibilitar condições analíticas para o enfrentamento dos limites dos Trabalhos Social visando à superação do paradigma disciplinar e hegemônico na AS.

Nossa Intercessão-Pesquisa buscou não apenas produzir uma crítica quanto ao modo do trabalho disciplinar que está presente no cotidiano das práticas sociais, mas também apresentar algumas dessas estratégias pautadas pelo DI para que busquemos outro posicionamento político e ético diante das demandas dos trabalhadores da AS e da população atendida por eles.

Para operarmos a partir do DI com as equipes de trabalhadores buscamos nos posicionar como intercessor a partir de algumas estratégias que podem ser denominadas de táticas mínimas necessárias, adotando o trabalho coletivo como dispositivo de produção social.

A subversão do modo disciplinar do Trabalho Social pressupõe operar com a escuta analítica dos sujeitos e processos transferenciais que possibilitam mobilizar junto aos sujeitos um novo campo de significantes, frente as contradições e lacunas em seus discursos que possibilitem deslocamentos, rupturas, provocações e conexões institucionais, para organizarmos o trabalho de modo coletivo, pautado pela perspectiva da autoanálise e da autogestão (Cury, 2015; Périco, 2021; Benelli, 2022). A autoanálise refere-se à busca pelos sujeitos em “reger-se por si mesmos, dando sua própria definição dos problemas” (Baremlitt, 1996, p. 90), ou seja, processo de trabalho em que os sujeitos produzem a crítica a sua própria práxis. Seu contrário consiste na heteroanálise, realizada pelo especialista externo.

A autogestão, de acordo com Baremlitt (1996), envolve o movimento de sujeitos, organizados em grupo que buscam gerenciar e resolver os próprios problemas. Os trabalhos de autogestão têm por objetivo tomar as suas próprias escolhas e decisões, na posição do poder coletivo, de modo que o outro não venha decidir pelo grupo. Seu avesso é a heterogestão, ou governo do outro. São categorias chave da AI, de forma que as equipes de trabalhadores possam adotar posicionamentos políticos e éticos que lhes permita discernir dos discursos, formas e práticas explícitos e não explícitos que contribuem com a manutenção do MCP.

2. A Assistência Social e a institucionalização do Trabalho Social

Desde a Constituição Cidadã (Brasil, 1988), a AS se posicionou como um campo no qual os direitos e a cidadania se entrelaçam em busca de um novo padrão de civilidade e humanismo. Seu propósito fundamental foi proporcionar meios e condições para que os segmentos sociais, os que mais necessitavam, pudessem não apenas sobreviver, mas também expandir o exercício pleno da cidadania. No entanto, identificamos uma distância entre o discurso oficial da AS e o que, de fato, reverbera como efeitos éticos e políticos nas práticas dos trabalhadores.

O que antecedeu a mudança do discurso oficial da AS, desde a Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), ainda permanece em um contínuo de ações presentes nas práticas sociais de alguns estabelecimentos socioassistenciais, presentes nos dispositivos territoriais como como lugar de vigilância e averiguação das vulnerabilidades e riscos sociais. As desigualdades sociais estão expressas nos territórios, no entanto, as condições materiais e financeiras para o trabalho operado pelas equipes não proporcionam condições favoráveis para mudanças e transformações das vulnerabilidades e riscos sociais, isso devido às fragilidades ou ausências de Políticas Públicas nos territórios que demandam tais ações.

Houve pouco investimento público nos territórios periféricos, onde podemos observar a insuficiência quantitativa de creches, escolas, segurança, praças de lazer e esporte, além de centros culturais. A proposta da Política Nacional de Assistência Social (PNAS) (Brasil, 2004) fomentou a implantação de CRAS nesses territórios vulnerabilizados, porém muito desses estabelecimentos socioassistenciais não possuíam as condições materiais e financeiras, dificultando que os trabalhadores operassem com os sujeitos de modo a provocar transformações sociais, contribuindo para que nesses estabelecimentos socioassistenciais o desenvolvimento do trabalho com as famílias ficasse reduzido a um plano de monitoramento das vulnerabilidades sociais, sem ferramentas para sua superação.

Ao analisarmos a normatização e regulação do trabalho na AS a partir dos documentos instituídos, identificamos o Trabalho Social como uma tecnologia social formalmente reconhecida. Contudo, não encontramos referências ao Trabalho Psicossocial, no discurso institucional oficial da AS, apesar de psicólogos e outros profissionais estarem envolvidos nessa prática, conforme constatado em nossos estudos acadêmicos. Identificamos o Trabalho Psicossocial posicionado em uma transição paradigmática, contrapondo as práticas sociais que

se alinham com o paradigma disciplinar, mas ainda assim, não avançam para enfrentar a demanda-necessidade-desejo dos sujeitos, ao mesmo tempo em que os (as) trabalhadores (as) são exigidos e cobrados a realizar matricialidade sociofamiliar. De acordo com a PNAS (Brasil, 2004) a matricialidade sociofamiliar, declarada pela AS como um dos princípios da Proteção Social, é um dos eixos estruturantes da gestão e significa que a família deve ser considerada como centralidade das ações. Essa é uma das contradições entre discurso e prática, carecendo de referências de outro modo de trabalho articulado ao desejo-carecimento dos sujeitos, para não submeter a demanda do sujeito, que não aparece de modo explícito, a uma lógica mercadológica e objetificadora, quando ocorre ao ser reduzida a necessidade-carência (Costa-Rosa, 2008; Périco, 2021).

Se o trabalho deve ser operado considerando a família e seus membros na centralidade das ações a fim de analisar as condições sociais para o trabalho, os direitos sociais e o fomento do exercício da cidadania, entendemos que somente garantir condições materiais e financeira, recursos frequentemente escassos no cotidiano do Trabalho Social, aos trabalhadores não garante que o trabalho produza os efeitos desejados e necessários para mudança. Não é por menos que nossa hipótese consiste no fato de que, para que o trabalho na AS possibilite a produção de outros efeitos éticos e políticos de enfrentamento dos processos capitalistas instituídos, faz-se necessária a construção de estratégias que contribuam para a transversalização das ações pelos trabalhadores, a qual só pode ser viabilizada por meio da conscientização da luta de classes por estes trabalhadores.

As práticas sociais presentes nos estabelecimentos da AS constituem as Tecnologias Sociais utilizadas em torno do Trabalho Social, essas são algumas delas: Busca Ativa, Gestão Socioterritorial, Discussão de Caso, Acolhida, Atendimento Individual, Visita/Entrevista Domiciliar, Encaminhamento/Referenciamento/Contrarreferenciamento, Produção de Relatórios, Articulações e Reuniões de Rede, Acompanhamento, Produção de Indicadores Sociais, dentre outras práticas.

Identificamos nas práticas sociais o avanço do familismo (Santos, 2017), reforçando a sobrecarga da mulher como arrimo da família e responsabilidade pelas mazelas sociais que recaem sobre os membros de sua família, e pouco se discute sobre gênero nos processos de acompanhamento familiar.

Os sujeitos que são atendidos pelos trabalhadores que operam nos estabelecimentos institucionais em um contexto de formação sócio-simbólica neoliberal no qual coexistem

paradigmas das sociedades de soberania, disciplinares, de controle ou de segurança, tendem a serem transformados em números, assim como também os trabalhadores são transformados em números.

Novos saberes foram incorporados ao Trabalho Social, entre eles o saber estatístico e os dispositivos de governamentalidade. A estatística se tornou uma Tecnologia Social de governo para gerenciar os territórios vulnerabilizados, por meio de uma nova racionalidade econômica, produzindo informações sobre a vida da população nos espaços considerados problemáticos (Farhi Neto, 2010). Os números passaram a ocupar uma centralidade nas práticas sociais, como conhecimento do Estado, que utiliza essas informações para medir e controlar a população, a riqueza e os impostos. As Políticas Públicas passaram a operar suas práticas por meio da Biopolítica.

A Biopolítica pressupõe a relação de poder-controle sobre o sujeito buscando regular, normatizar e controlar os corpos, o que gera as condições para o Biopoder, o qual produz subjetividades que incidem sobre a população e não na localização/espaço. Por outro lado, há a resistência dos sujeitos a esse processo de adaptação e resignação à realidade social (Farhi Neto, 2010).

A dicotomia entre adesão e resistência dos sujeitos atendidos ou que trabalham nos estabelecimentos socioassistenciais sinaliza a importância da análise crítica sobre o que está em jogo em termos de efeitos de nosso trabalho.

3. Nossas tentativas de operar com o DI nas Supervisões Técnicas dos trabalhadores da AS

Com o agravamento dos riscos e vulnerabilidades sociais provocado pela eclosão da pandemia do *Corona Virus Disease*, ocorrida no ano de 2020 (Covid-19), mesmo período em que vivenciamos os processos formativos com os trabalhadores problematizados em nossa Interação-Pesquisa, foi mais que necessário que as equipes de trabalhadores da AS estivessem posicionadas de modo avisado para operar com ações que contribuíssem para a Proteção Social das famílias e sujeitos. Compreender o que estávamos vivendo nos anos de 2020 a 2022 já era um grande desafio, dada a sobreposição complexa da intensificação da investida neoliberal no país e dos processos sanitários e sociais agravados pela pandemia.

Percebemos a vontade dos trabalhadores em se implicarem de modo singularizado com as demandas oriundas do atendimento e acompanhamento das famílias por meio do Plano de Acompanhamento Familiar e Fluxos. Mas o aumento da demanda, a precarização dos recursos humanos e as dificuldades de interlocução com as equipes de trabalhadores das demais políticas produziram efeitos diversos nos trabalhadores, dificultando o desenvolvimento de um trabalho crítico e mais intercessor, o que gerava por vezes sentimentos de angústia, culpa, ansiedade e frustrações.

Nós esperávamos que os processos de assessoria gerassem nos trabalhadores condições para se posicionarem enquanto sujeitos sociais na produção da história, como atores políticos na dimensão dos direitos e do exercício da cidadania e como sujeitos de desejo, incluindo a formação inconsciente como dimensão da subjetividade, de modo a estarem implicados para que pudessem se autoanalisar e autogerir, produzindo ações coletivas e fortalecendo as lutas sociais. Porém, a cada encontro de Supervisão Técnica, as notícias dos trabalhadores estavam relacionadas ao aumento da demanda caracterizada pela procura das famílias por cestas básicas, transferência de renda e enfrentamento de outros impasses como a vivência de situações de conflitos e violências.

As experiências problematizadas neste artigo referem-se aos processos de Assessoria e Supervisão Técnica que realizamos juntamente aos trabalhadores de estabelecimentos socioassistenciais como CRAS e CREAS. Cada equipe de trabalho contou, aproximadamente, com 2 (dois) encontros mensais de 2 (duas) horas. O processo formativo foi realizado no período de outubro de 2020 a dezembro de 2022.

Nossas discussões iniciais com os trabalhadores foram atravessadas pela necessidade de compreensão sobre as diferenças entre a encomenda (explícita), aquelas que eram solicitadas pelos trabalhadores, das demandas (implícitas), que se expressavam pelo não dito, pelos aspectos lacunares nos discursos e nas ações, que acessávamos mediante a problematização da encomenda com os coletivos de trabalhadores, para que pudéssemos nos localizar no campo crítico e intercessor.

A intensificação das vulnerabilidades sociais vivenciadas pelas famílias atendidas/acompanhadas, no contexto pandêmico, foi enfrentada pelos sujeitos-trabalhadores e sujeitos-usuários atravessada pelo risco do retorno das práticas assistencialistas diante das crises sanitária, econômica, social, política e ambiental. Entendemos que estava ocorrendo uma intensificação das violações de direitos, considerando as dificuldades de acesso das famílias aos

estabelecimentos socioassistenciais e das demais políticas públicas, bem como devido às precariedades do trabalho nos estabelecimentos da AS.

Procuramos problematizar com os trabalhadores as estratégias para a produção de posicionamento crítico na defesa intransigente dos direitos dos sujeitos e na organização coletiva para construir processos de trabalho com um maior espectro de autogestão, na tentativa de enfrentar as arbitrariedades das ações governamentais que representaram um ataque à instituição da AS que foi implantada no Brasil no plano do direito, da cidadania, da participação social e da democracia.

Os processos formativos de Supervisão Técnica com os quais operamos buscaram explorar as demandas específicas de cada estabelecimento socioassistencial (reflexões, adequações do número de famílias por trabalhador, discussão de caso, articulação, formação da rede intersetorial, dentre outras). Torna-se importante destacar que, frequentemente, os trabalhadores demandam a problematização da gestão territorial e da concepção de um trabalho que denominaram de psicossocial.

Analizamos as demandas dos trabalhadores diferenciando aquelas que se referiam às urgências do cotidiano e aquelas em que seria possível, mesmo diante das precárias condições de trabalho, produzir mediações junto aos sujeitos-usuários por meio do acompanhamento familiar, concebendo o sujeito-usuário nos planos social (história), político (poder) e psíquico (subjetividade do inconsciente), por meio de uma escuta outra que oportunizasse ao sujeito ser escuta e ouvir, criando novos significantes e tomadas de decisão frente aos problemas do seu cotidiano.

Produzimos reflexões que fomentaram nos trabalhadores discussões de como as encomendas estavam articuladas com as ações como respostas imediatas dos trabalhadores no enfrentamento dos problemas inerentes ao cotidiano dos estabelecimentos socioassistenciais, o que nos levou a levantar a hipótese de que para avançarmos com as ações para um Trabalho Psicossocial Crítico-Intercissor, as equipes dos estabelecimentos deveriam reorganizar as ofertas de suas ações.

Os processos instituídos, regulamentados ou não, que atravessaram as ações desenvolvidas pelas equipes dos estabelecimentos contribuía para fortalecer o automatismo das práticas sociais não críticas, operadas nas urgências, produzindo efeitos normalizadores dos sujeitos pela naturalização das desigualdades sociais.

Nos processos de formação, problematizando os acontecimentos-sujeito, almejamos nos posicionar de modo intercessor na tentativa de contribuir para a capacidade organizativa dos trabalhadores e para o fortalecimento de produção de saber-fazer localizados em estratégias democráticas e no fomento da implicação subjetiva singularizante, potencializando as forças instituintes e novos processos de trabalho de enfrentamento do MCP presente no Trabalho Social.

As demandas dos trabalhadores, considerando as especificidades de cada localidade, se constituíram pela nossa tentativa de produção coletiva sobre impasses gerados pelas mudanças autoritárias nas configurações de algumas equipes, elaboração de protocolos para inclusão de famílias no CREAS e nos CRAS, critérios para os desligamentos das famílias dos serviços, acontecimentos-sujeito-trabalhador, discussões de casos específicos, dentre outros aspectos.

Já as demandas das famílias atendidas pelos trabalhadores eram formadas por necessidades-carências de alimentos/cesta básica, acesso a programas de transferência de renda, agravamento das vulnerabilidades sociais com a intensificação das violências no âmbito doméstico, fragilização dos vínculos afetivos e aumento significativo de mortes decorrentes da Covid-19.

Por meio da identificação dos processos instituídos e de produção de saber-fazer, apropriação de alguns conceitos teóricos críticos, leituras e análise de documentos técnicos, modelos de fluxos e planos de acompanhamento familiar de outros municípios, algumas equipes técnicas revisitaram o seu próprio fluxo de atendimento e demais documentos institucionais locais (prontuário/plano de acompanhamento e protocolo e estratégias para melhorar a comunicação entre serviços socioassistenciais assim como para com os trabalhadores que atuavam na gestão da AS), buscando estratégias para produzir ações críticas e contribuir para o fortalecimento dos processos instituintes, na produção dialética de um saber/fazer que se posicionasse para a não objetificação dos sujeitos-usuários.

Os trabalhadores dos estabelecimentos vivenciaram um percurso singular caracterizado pela compreensão de suas demandas e pela intencionalidade de suas implicações na busca pela mobilização e produção de saberes e fazeres, bem como na elaboração e adoção de estratégias que vislumbravam a busca pela resolubilidade dos seus próprios problemas, enfrentando as resistências explícitas em suas queixas que circundam os discursos sobre o aumento das demandas de trabalho, a precarização do trabalho, a insuficiência de trabalhadores, as dificuldades de interlocução com as demais políticas, ausências de condições para operar com

um Trabalho Psicossocial Crítico e sentimentos de angústia, ansiedade e frustrações em relação ao Trabalho Social.

A nossa crítica à divisão sociotécnica do trabalho no capitalismo, que dicotomiza o saber e o fazer, e as nossas tentativas de interceder para forjar a práxis levaram alguns trabalhadores a desejarem uma implicação com um trabalho de superação dialética do saber-fazer-poder. Isso, exigiu a produção de movimentos de estudo sobre alguns analisadores institucionais emergentes no cotidiano do trabalho, de problematização das suas demandas e produção de ações coletivas que promovam a autonomia, a vivência da cidadania, a defesa da democracia e a proteção social junto aos sujeitos-usuários.

As dificuldades que encontramos para operar com o DI nos processos de Supervisão Técnica estavam localizadas para além das restrições que a pandemia de Covid-19 produziu sobre as possibilidades do trabalho coletivo, de modo que diziam respeito principalmente às condições de trabalho das equipes (insuficiência de trabalhadores nas equipes (equipes reduzidas), à ausência do trabalhador de psicologia em todos os CRAS (produzindo uma produção parcial de proteção social, não alcançado a equipe interdisciplinaridade preconizada pelo SUAS) e às dificuldades de comunicação e articulação da Proteção Social Básica entre outros estabelecimentos públicos e gestões operadas por uma governamentalidade neoliberal .

A implicação subjetiva que era produzida mediante as demandas e as problemáticas vivenciadas pelas equipes dos estabelecimentos socioassistenciais, do lugar de trabalhador-intercessor em processos de formação, nos possibilitava o entendimento de alguns conflitos, contradições, resistências e ressonâncias na busca pela efetivação dos direitos humanos e sociais dos indivíduos e famílias e pela tentativa de enfrentar as desigualdades sociais.

Nossa atitude problematizadora buscou considerar a dimensão crítica como norteadora do Trabalho Social, de modo que os trabalhadores dos estabelecimentos assistenciais pudessem desenvolver ações que buscassem ser mais amplas quanto à concepção do sujeito político, social e psíquico, incluindo o inconsciente. Pudemos mediar intensos e implicados diálogos entre os trabalhadores desses estabelecimentos socioassistenciais nos diferentes níveis de complexidade da Proteção Social.

4. Os desafios emergentes nas práticas do trabalhador-intercessor para forjar a práxis nos processos de formação dos trabalhadores da AS

Buscamos operar as nossas ações a partir do DI, porém é importante contextualizar que nossos processos de trabalho de formação nestes municípios começaram quando ainda estávamos, como trabalhador, em contato inicial com as perspectivas críticas do DI. Essa contextualização é importante porque pudemos perceber as nossas tentativas enquanto um trabalhador que já buscava posicionar suas ações de modo crítico, mas inadvertido, concebendo os trabalhadores como sujeitos sociais e políticos. O encontro com o DI como estratégia de trabalho e análise, e nossa busca pela apropriação nos permitiram reavaliar nossas práticas nos processos formativos junto aos trabalhadores da AS, buscando nas brechas institucionais as condições para exercitar um outro posicionamento: o do trabalhador-intercessor, incluindo a dimensão do inconsciente da subjetividade como campo de trabalho e análise.

Alguns aspectos do plano universal da instituição de AS nos diversos estabelecimentos socioassistenciais que operamos foram formados principalmente pela procura das famílias por alimentos/cesta básica e acesso a programas de transferência de renda, pelas normatizações da AS e pelas ações macropolíticas de um governo neoliberal.

No plano da particularidade da instituição de AS entendemos que houve um conjunto de práticas sociais operadas pelos trabalhadores. Detectamos, por exemplo, mudanças repentinas nas configurações de algumas equipes, como a transferências dos trabalhadores para outros estabelecimentos, mudanças nas estratégias que utilizavam nas práticas de atendimento, acompanhamento e visita domiciliar, bem como nos critérios para desligamento das famílias dos estabelecimentos e nas estratégias de acolhida.

No âmbito das práticas singularizadas na instituição de AS, identificamos as tentativas dos trabalhadores de ampliar os espaços de reunião, transversalizando-os e promovendo uma participação ativa na produção coletiva de documentos que orientariam seu trabalho ao endereçar à gestão municipal as demandas relacionadas às condições de trabalho para o desenvolvimento de um Trabalho Psicossocial Crítico-Intercessor.

Em uma cena de nossa experiência em um processo de Supervisão Técnica com a equipe de trabalhadores de um CRAS, percebemos que os trabalhadores frequentemente deixavam lacunas em informações relacionadas à expressão racial dos sujeitos-usuários da Assistência Social (AS). Esse tema reapareceu durante a discussão de um caso de violência sexual envolvendo uma criança de 4 anos, vítima do padrasto. A situação de violência foi descoberta pela mãe, que, ao retornar para casa após lembrar de algo (detalhe ausente no relato dos trabalhadores), encontrou o padrasto em uma posição suspeita, tocando o corpo da criança. Para

proteger a filha e sem levantar suspeitas do padrasto, a mãe conseguiu, com rapidez, chegar ao CRAS e pedir ajuda. A equipe escutou, acolheu e orientou a mãe, acompanhando-a, junto com a criança, até o Hospital de Referência em Saúde para atendimento de casos de violência sexual. Após os cuidados profiláticos realizados pelos profissionais de saúde, a mãe e a criança foram levadas, com o apoio das trabalhadoras do CRAS, até a delegacia para registrar um Boletim de Ocorrência. Em seguida, a criança foi submetida ao exame de corpo de delito, que confirmou a violência. A prisão preventiva do padrasto foi decretada e efetuada rapidamente.

Ao notar a ausência de referências à expressão racial nos relatos dos trabalhadores sobre a situação vivida pela família e as ações de proteção realizadas, perguntei à equipe sobre a cor da pele dos sujeitos atendidos. Uma das trabalhadoras questionou: “O que a cor da pele tem a ver com o caso? O que mudaria no atendimento e nas ações que realizamos?” Naquele momento, memórias de violências raciais que eu havia sofrido, além de relatos de vivências de colegas, emergiram em minha consciência, acompanhadas de questionamentos e sentimentos: “E se a cor da pele fosse branca? Essa criança teria sofrido as violências que sofreu? A equipe teria escutado essa mãe de forma diferente?” Entre os conteúdos das minhas contratransferências, autorizei-me a compartilhar com a equipe um caso relatado por uma aluna durante uma aula de um curso de pós-graduação, no qual eu atuava como docente. Como professor, sempre procuro problematizar a expressão racial da “Questão Social”. Segundo Benelli (2022a, p. 284):

A ‘questão social’ é uma expressão que justamente indica que a produção social da pobreza e de todas as suas mazelas é estrutural numa sociedade capitalista: ‘[...] a questão social – [pode ser] entendida como conjunto dos efeitos constitutivos da contradição capital-trabalho, expressos na produção massiva da desigualdade social, tal como postulada pela perspectiva marxista – ao longo da história brasileira’ (Benelli, 2020), p. 177).

A aluna, uma mulher negra graduada em Serviço Social, relatou que, durante uma visita domiciliar realizada como prática social em um acompanhamento familiar de um estabelecimento de AS, uma criança de 6 anos perguntou qual era sua profissão. Ao ouvir que ela era assistente social, a criança respondeu: “Nossa, não sabia que gente da nossa cor poderia ser assistente social.”

A problematização feita pela criança sobre sua identidade racial revelou o discurso colonial presente na formação social-simbólica, que perpetua a exclusão social dos sujeitos negros. Essa experiência, relatada pela ex-aluna, foi um ponto de interseção para que eu assumisse outros posicionamentos em minhas práticas sociais, buscando romper com a invisibilidade da raça como um aspecto de análise e trabalho na Assistência Social.

As contratransferências que vivi como efeito da ausência de problematização da expressão racial pelos trabalhadores do CRAS levaram-me a identificar e reconstituir esse breve acontecimento à equipe. Meu objetivo foi contribuir para a ruptura da invisibilidade racial na AS e criar conexões que fomentem ações decoloniais no enfrentamento das desigualdades de classe, raça e gênero. Trabalhar com as resistências dos profissionais do CRAS e com nossas próprias contratransferências levou-nos, no processo formativo, a discutir a importância de desenvolver ações que deem visibilidade à identidade racial nos estabelecimentos socioassistenciais. Isso inclui a contratação de profissionais negros para atuar na AS, a produção de informações sobre as expressões de raça e gênero dos sujeitos-usuários e o estímulo a ações coletivas que fortaleçam as lutas sociais. Essas ações vão além da simples inclusão de informações sobre raça e orientação sexual nos prontuários, algo que, mesmo quando realizado, raramente é utilizado de forma significativa.

A contratransferência se constitui como uma resposta conformada pelo trabalhador-analista às características dos clientes (como idade, sexo e etnia/raça), à organização como instituição e às transferências provenientes de suas próprias organizações psicanalíticas. Nossas contratransferências são essenciais para provocar mudanças institucionais. É necessário estar atento aos conteúdos (pensamentos, sentimentos, memórias, lembranças e fantasias), elaborados ou não, que emergem de nossa própria história ao trabalharmos com a escuta analítica dos profissionais. Percebemos que a desigualdade social, enquanto produção da Questão Social vivenciada pelas famílias e sujeitos da AS, frequentemente não inclui as expressões de raça e gênero. Ignoram-se, assim, os corpos negros e femininos que, de maneira expressiva, ocupam as salas de espera dos estabelecimentos da AS.

Em outra experiência com processos formativos, vivenciamos uma cena que buscamos analisar para exemplificar nossas tentativas de assumir um posicionamento ético e político no cotidiano do trabalho, bem como as dificuldades enfrentadas ao operar de modo crítico. Isso nos levou a compreender que nem sempre é possível assumir a posição de intercessor, uma vez que esta depende de brechas institucionais, da escuta, dos processos transferenciais e da implicação subjetiva singularizada. Tais condições nem sempre são favoráveis, embora nosso ideal de trabalho e análise nos permita estar atentos a essas oportunidades.

Na busca pela produção de uma implicação subjetiva singularizante com os trabalhadores de alguns estabelecimentos socioassistenciais, criamos um grupo de supervisão e estudo composto por quatro assistentes sociais. Ainda que tenha sido um grupo que funcionou

por um período implicado em estudos e no fortalecimento de estratégias de trabalho, compartilho uma cena dessa experiência em que acompanhamos o desfecho do processo de institucionalização de uma jovem, mulher, preta, em uma instituição de acolhimento. Apesar de buscarmos adotar uma posição crítica em nosso trabalho, não conseguimos interromper a repetição da produção histórica e subjetiva de Dandara (nome fictício utilizado para preservar sua identidade).

As profissionais envolvidas no grupo já haviam participado, ou estavam em processo de formação promovido por nós. As intervenções institucionais que realizávamos tinham como objetivo problematizar as práticas sociais desenvolvidas pelas trabalhadoras nos serviços socioassistenciais, além de analisar os possíveis efeitos disciplinares dessas práticas. Durante os encontros de supervisão técnica, essas questões eram abordadas de forma crítica, com a intenção de promover deslocamentos nas práticas cotidianas, estimulando a produção de ações coletivas, singularizadas e alinhadas ao fortalecimento das lutas sociais.

Além disso, o desafio de promover a implicação dos sujeitos nas soluções coletivas foi levantado. Como envolver os sujeitos nas lutas sociais de forma genuína e efetiva, sem reduzir sua experiência a um objeto de intervenção ou a uma solução externa?

Um dos casos que problematizamos com as trabalhadoras e que ilustra parte dos processos envolvidos em nossas tentativas em desenvolver ações que, de modo desavisado, acabavam por reproduzir julgamentos ou práticas disciplinares, foi o caso de Dandara.

Dandara foi apresentada como uma jovem mulher de 22 anos, de pele preta, com deficiência mental, classificada e diagnosticada com base na Classificação Internacional de Doenças (CID-10) "F71.1", com "Retardo Mental Não Especificado", apresentando comprometimento significativo do comportamento, o que requeria vigilância ou tratamento.

Na nossa perspectiva analítica, entendemos Dandara, com base nas informações confrontadas com as trabalhadoras, como um sujeito foracluído do nome-do-pai, considerando a nebulosidade dos lugares do gozo e do desejo, em que a localizamos como objeto de gozo do Outro, com dificuldades para se inscrever na linguagem, permanecendo na posição de objeto do desejo da mãe (Quinet, 2006). Ela, naquele momento, vivia com sua mãe em uma comunidade popular com significativa presença do tráfico de drogas. Embora essa informação tenha sido relevante para a construção do caso, ela não foi reconhecida de maneira espontânea pelas trabalhadoras.

A motivação para a discussão do caso de Dandara ocorreu pelas dificuldades que as trabalhadoras estavam enfrentando no acompanhamento da jovem, que vinha relatando à assistente social responsável por seu atendimento acontecimentos-sujeito que a colocavam em situação de vulnerabilidade, especialmente em relação ao risco de sofrer abusos sexuais na comunidade. A trabalhadora buscou enfatizar, na apresentação de sua concepção sobre Dandara, que ela era uma moça muito bonita, com um corpo bonito e extremamente sensualizado, que despertava olhares libidinosos dos homens por onde passava. Quando eles assoviavam ou falavam palavras insinuando a objetificação sexual de seu corpo, ela reagia espontaneamente, demonstrando disponibilidade. Para a trabalhadora, a ingenuidade de Dandara a colocava em risco, sendo julgada, mesmo de modo desavisado, pelas trabalhadoras como responsável pelas possíveis violências que poderia sofrer.

Dandara já havia vivenciado uma experiência de acolhimento institucional aos 14 anos, devido à violência de negligência que a mãe teria cometido, desprotegendo-a e favorecendo a criação de situações de abuso sexual que ela já havia sofrido.

A desinstitucionalização de Dandara, por meio do retorno à convivência familiar com a mãe, ocorreu quando ela completou 18 anos. De acordo com as informações que as trabalhadoras nos relataram, os trabalhadores do serviço de acolhimento institucional em que Dandara estava inserida realizaram um trabalho com a mãe na tentativa de desenvolver sua implicação em ações para a proteção da filha, no mesmo período em que a jovem foi incluída no serviço em que essas trabalhadoras atuavam.

A inserção de Dandara nesse serviço em meio aberto objetivou garantir que a jovem, durante o dia, fosse assistida por um estabelecimento da AS referenciado ao CREAS. As trabalhadoras do grupo buscaram trabalhar com a mãe o fortalecimento de sua função protetiva junto a Dandara, que, nos diálogos com elas, entendemos se tratar de ações de sensibilização da mãe para que realizasse maior vigilância e controle sobre a jovem, com o objetivo de que ela permanecesse o maior tempo possível na residência, evitando, assim, que ela circulasse pela comunidade sem sua supervisão.

Quem era Dandara? Por que Dandara não poderia andar livremente pela rua sem ser assediada ou violentada pelos homens? Por que o corpo negro feminino de Dandara era alvo de objetificação e controle? Como um ser sujeito-mulher-de-pele-preta-com-deficiência poderia circular livremente pela comunidade onde morava e ser respeitada? Por que haveria a

necessidade de uma vigilância 24 horas sobre o corpo de Dandara? Que corpo era esse? Quem o usaria? Por que institucionalizar Dandara e não responsabilizar os autores da violência?

Todos os questionamentos que tentamos desenvolver nos foram revelando um conjunto de práticas disciplinares operadas por diversos trabalhadores das Políticas Públicas com Dandara. Ela foi diagnosticada ainda na adolescência pela psiquiatria do município com deficiência intelectual. A jovem era tratada com medicamentos prescritos para lidar com sintomas de agitação psicomotora e delírio. De acordo com as trabalhadoras, as autoagressões que ela provocava e seu envolvimento em brigas eram as justificativas para os seus sintomas, que eram tratados quimicamente. Contudo, isso acabava dificultando a produção subjetiva simbólica que pudesse fortalecê-la como sujeito. Mesmo com o diagnóstico, tratamentos medicamentosos e a experiência de acolhimento institucional, Dandara possuía uma boa comunicação, dialogando com as trabalhadoras e produzindo vínculos afetivos. Mas acabou sendo internada. Não conseguimos fazer outra coisa nessa situação.

As trabalhadoras entendiam que Dandara tinha dificuldades para sustentar a repressão sexual, demonstrando ficar excitada e se envolver em situações de desproteção no próprio serviço, na relação com os demais participantes, mas principalmente na comunidade em que morava, onde circulava com frequência durante a noite. Diante dessas circunstâncias, orientavam a mãe a manter vigilância, mas ela relatava que trabalhava e que, quando chegava em sua residência, se sentia cansada e exausta, além de ter que lidar com as demandas da casa, o que a impedia de sair à procura da filha pela comunidade.

Dandara circulava pelos espaços da comunidade e relatava frequentemente encontrar amigos e ter duas ou três relações sexuais por dia, com pessoas diferentes. Essa conduta era interpretada de maneira estigmatizante, sendo ela tratada como “louca”, “doente do instinto sexual” e, por isso, vista como um objeto de intervenção disciplinar institucional.

As preocupações da equipe passavam pelo medo de Dandara não utilizar anticoncepcional e pelos efeitos da violência sobre ela, levando-as a considerar um novo processo de institucionalização como uma última possibilidade de ação para sua proteção.

Em certo dia, Dandara chegou ao estabelecimento chorando, com dificuldades para falar, arranhando com suas mãos os próprios braços. Na tentativa de acolhê-la, as trabalhadoras conseguiram estimulá-la a falar e a escutaram. Dandara falou sobre o que havia vivido na noite anterior, quando vários homens a agarraram e abusaram sexualmente dela. Diante da situação

narrada pela jovem, as trabalhadoras a levaram ao hospital, registraram Boletim de Ocorrência, realizaram corpo de delito e constataram provas de violência.

A mãe vinha sendo cobrada e exigida para que cuidasse e monitorasse a filha, mas, mesmo com as diversas conversas de orientação, Dandara continuava a circular pelos espaços da comunidade. Em uma das ocasiões, a mãe relatou para as trabalhadoras que não dava mais conta de Dandara, pois precisava viver sua própria vida e que o acolhimento institucional de sua filha seria a melhor saída.

Frente ao desejo da mãe, a equipe iniciou um diálogo com Dandara buscando sensibilizá-la. A trabalhadora de referência, utilizando-se do vínculo afetivo que tinha estabelecido com a jovem, a convenceu de que o acolhimento seria uma coisa boa para ela, sem que houvesse resistência explicitada por parte dela. Dandara estava convencida de que poderia vivenciar uma experiência positiva no estabelecimento de residência inclusiva. Enquanto dialogavam com Dandara, as trabalhadoras pautaram sua situação na Rede de Proteção, juntamente com um relatório em que formalizaram a solicitação do acolhimento institucional de Dandara à gestão da Proteção Social Especial de Alta Complexidade. Os trabalhadores-gestores apresentaram algumas resistências para a realização do acolhimento de Dandara, porém as trabalhadoras que a acompanhavam sinalizaram que, caso não houvesse a decisão pelo acolhimento institucional, protocolariam uma representação por violação de direitos no Ministério Público. Embora com resistências, os trabalhadores-gestores autorizaram o acolhimento de Dandara, o que foi efetivado.

A produção social e subjetiva de Dandara, como efeito ético e político das práticas dos trabalhadores, foi intercessora frente aos efeitos de objetificação que ela vivenciou pela formação social de sua realidade, pela relação com a mãe, pelos homens que a violentaram, pelos trabalhadores do Estado que a julgaram, a diagnosticaram, a medicalizaram e a institucionalizaram: um corpo negro, feminino, que, pelo discurso da loucura-doença e por meio do Dispositivo da Sexualidade, tinha que ser disciplinado e controlado, reproduzindo práticas disciplinares asilares típicas da Sociedade Disciplinar (Benelli, 2022; Foucault, 2022).

Após um período de intensas discussões de casos, sempre marcadas por muitos questionamentos, as trabalhadoras passaram a solicitar referências bibliográficas que pudessem contribuir para a concepção de um sujeito do inconsciente, algo que parecia ser essencial para uma compreensão mais crítica das dinâmicas subjetivas envolvidas no trabalho da Assistência Social. Nesse momento, conseguimos avançar nas leituras de alguns textos sobre o DI como

uma estratégia de trabalho na AS, o que contribuiu para enriquecer as discussões das trabalhadoras sobre as suas práticas disciplinares e as possibilidades de produção subjetiva singularizante. Poderia o processo de institucionalização dos sujeitos não ser a última possibilidade de trabalho social frente aos impasses sociais e subjetivos dos sujeitos? Mesmo sem respostas, passamos a nos indagar sobre os efeitos éticos e políticos do trabalho na AS em nós, sujeitos-trabalhadores, e nos sujeitos-usuários

Todo o nosso esforço, dentro das possibilidades que tínhamos para operar, foi permeado por muitos desafios: a continuidade de práticas que contribuem para a reprodução social e a manutenção das desigualdades sociais, como a ênfase em atendimentos emergenciais/urgentes por meio de ações imediatas, a prevalência do foco no indivíduo, as dificuldades de interlocução com os trabalhadores das demais políticas públicas, os impasses emocionais das famílias atendidas/acompanhadas e dos trabalhadores que compunham as equipes de referência e as expectativas/dificuldades/ruídos na comunicação entre equipes de referência de níveis de complexidade diferentes, bem como com a gestão da Secretaria Municipal de Assistência Social.

5. Considerações Finais

Almejamos, com essa escrita, problematizar nossa tentativa de operar com o DI em nossos processos de Supervisão Técnica nos estabelecimentos socioassistenciais de um município do interior do Estado de São Paulo a partir do posicionamento como trabalhador-intercessor, bem como fomentar mudanças e questionar as estruturas institucionais da AS a fim de evitar a perpetuação das desigualdades sociais.

Nossas práticas que se propuseram intercessoras foram desenvolvidas de modo a operar com estratégias que permitissem introduzir uma discussão sobre as microrrevoluções e suas repercussões, realizando análise crítica e reflexões junto aos trabalhadores sobre as características e o papel do SUAS diante das diversas práticas sociais que estavam desenvolvendo.

Neste ensaio, apresentamos o Dispositivo Intercessor (DI) como estratégia para contribuir teórica, analítica, ética e politicamente com a qualificação das práticas dos trabalhadores sociais.

Diante das demandas da população que procura pelos estabelecimentos socioassistenciais e do desafio dos trabalhadores em desenvolver atividades/ações psicossociais, provocamos o que seria uma implicação singularizada, orientada na perspectiva da superação dialética da divisão sociotécnica do trabalho social na produção de saberes-fazer. Procuramos criar condições para o reposicionamento do trabalhador e a subversão das práticas disciplinares, contribuindo para forjar uma práxis transformadora, resistente e intercessora.

Se a realidade é essencialmente construída, pode-se também ser substancialmente modificada. Nesse sentido, questionamos se o SUAS precisa ter um objeto de trabalho ou se devemos nos afastar da ideia de objeto e conceber nossa demanda de trabalho com os sujeitos. São possíveis práticas sociais que criem condições para a existência da diferença e a reflexão sobre como estamos produzindo nosso trabalho, no lugar da declaração de um sujeito como objeto para estudo, escolha e decisão sobre sua vida, sem que o sujeito participe dessa tomada de decisão?

O SUAS foi implantado na perspectiva de um sistema descentralizado e participativo, que deveria ser central para as Políticas Sociais, porém muitas vezes é relegada a um plano secundário e as práticas sociais dos seus trabalhadores muitas vezes desempenham um papel ambíguo concebendo o sujeito ora como ativo ou objeto de controle.

Nesse contexto, identificamos perigos que vão além das dificuldades presentes nas práticas sociais. Como subverter a biopolítica que permeia a AS? Como lidar com os dispositivos de controle e segurança que atuam como obstáculos ao desenvolvimento pleno da cidadania?

A análise do Trabalho Social torna-se fundamental e precisamos ir além dos limites convencionais do território, subvertendo as lógicas biopolíticas na AS, evidenciando a necessidade de integrar teoria, prática e práxis para uma tática outra.

Referências

ANDRADE, M. C. *Encontro da Loucura com o Trabalho na Economia Solidária: a produção da práxis de pré-incubagem através do Dispositivo Intercessor na Saúde Mental*. 2013. 298 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Assis, SP, Brasil, 2013.

BAREMBIITT, G. *Compêndio de análise institucional e outras correntes*. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

BENELLI, S. J. As éticas nas práticas de atenção psicológica na assistência social. *Estudos de Psicologia* (Campinas), v. 31, n. 2, p. 269-287, 2014.

BENELLI, S. J. Risco e vulnerabilidade como analisadores nas políticas públicas sociais. *Estudos de Psicologia* (Campinas), v. 33, n.4, p. 735-745, 2016.

BENELLI, S. J. Problematizando a instituição pesquisa na universidade e nas práticas psicológicas. *Revista de psicologia da Unesp*, v. 18, n. especial, p. 88-120, 2019.

BENELLI, S. J. O campo socioassistencial e as figuras diversas do trabalhador social. In: BENELLI, S. J. *Psicologia e Assistência Social: interfaces políticas, clínicas e éticas*. Curitiba: CRV, 2020. p. 139-169.

BENELLI, S. J. *Entidades assistenciais para crianças e adolescentes no município: impasses institucionais e possibilidades*. São Paulo: Unesp Digital, 2022.

BENELLI, S. J. *Problematizações das figuras da Psicologia Clínica: olhar, cuidar e escutar*. Unesp Digital, 2023.

BENELLI, S. J; COSTA-ROSA, A. Para uma crítica da razão socioeducativa em entidades assistenciais. *Estudos de Psicologia* (Campinas), v. 28, n. 4, p. 539-563, 2011a.

BENELLI, S. J.; COSTA-ROSA, A. Paradigmas diversos no campo da Assistência Social e seus estabelecimentos assistenciais típicos. *Psicologia USP*, v. 23, n. 4, p. 609-660, 2011b.

BENELLI, S. J; COSTA-ROSA, A. Dispositivos institucionais filantrópicos e socioeducativos de atenção à infância na assistência social. *Estudos de Psicologia* (Campinas), v. 30. n.2, p. 283-301, 2013.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 1988 (atualizada até a Emenda Constitucional nº 107). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 21 dez. 2025.

BRASIL. *Resolução nº 145, de 15 de outubro de 2004*. Política Nacional de Assistência Social. Brasília: Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS), 2004. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/cidadania/assistencia-social/politica-nacional-de-assistencia-social> Acesso em: 21 dez. 2025.

COSTA-ROSA, A. *Redes de contratualidade social em sujeitos do sofrimento psíquico grave: integrando a estratégia saúde da família e estratégia atenção psicossocial no território*. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2008. (Trabalho não publicado).

COSTA-ROSA, A. Por que a Atenção Psicossocial exige uma clínica fundada na psicanálise do campo Freud-Lacan. *Revista de Psicologia da UNESP*, v. 18, nº especial, p. 37-54, 2019.

COSTA-ROSA, A.; GARCIA, A. S. O Dispositivo Intercessor: contribuições da filosofia da diferença. In: TOLEDO, R. F.; ROSA, T. E. C.; KEINERT, T. M.; CORTIZO, C. T. (Orgs.). *Pesquisa participativa em saúde: vertentes e veredas*. Instituto de Saúde, São Paulo, 2018. p. 167-186.

CURY JR, J. E. *Que voz na voz não ouvida? Uma escuta psicanalítica a catadores de recicláveis*. Dissertação (Mestrado em Programa) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis-SP, 2015.

FARHI NETO, L. *Biopolítica: as formulações de Foucault*. Cidade Futura, 2010.

FIOCHI, P. I. C. *Entre laços e nós: (im)possibilidades de um psicanalista nos espaços de Educação Permanente em Saúde*. 2015. 168 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - (Doutorado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, SP, Brasil, 2015.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GARCIA, A. S. *Atenção Primária e Atenção Psicossocial: Dispositivo Intercessor como operador da produção de conhecimento da Saúde Coletiva*. 2013. 133 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP)- Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Assis, SP, Brasil, 2013.

GALIEGO, A. H. B. *O dispositivo intercissor como modo de produção do conhecimento: construção do saber na práxis de um Centro de Atenção Psicossocial de álcool e outras drogas*. 2013. 78 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2013.

GOTO, K. S. *Reforma Psiquiátrica no Brasil contemporâneo*. 2018. 198 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

MARTINI, R. B. *O dispositivo intercissor como meio de superação dialética da medicalização da saúde mental*. 2010. 95 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2010.

MEXKO, S. *Psicologia e assistência social: contribuições da psicanálise de Freud e Lacan e do materialismo histórico*. 2017. 128 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2017.

MEXKO, S. *Uma psicóloga psicossocial no CAPS: Contribuições da Psicanálise do campo de Freud e Lacan e do Materialismo Histórico*. 2021. 225p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/213964> Acesso em: 15 jan. 2025.

MIRANDA, C. M. *Saúde Mental infanto-juvenil: uma reflexão sobre políticas públicas a partir do dispositivo intercissor como meio de produção de conhecimento na práxis*. 2011. 95 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2011.

MONGHINE, I. D. *Proteção ou punição? Ensaio sobre a práxis de uma trabalhadora social desenvolvida num Conselho Tutelar*. 2024. 117 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Ciência e Letras, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Assis, 2024. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11449/255714> Acesso em: 15 jan. 2025.

PAES, M. R. R. *Ensaio de Intercessão-Pesquisa: entre significantes e instituições*. 2014. 112 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2014.

PENARIOL, M. P. *Análise institucional da prefeitura municipal: desvendando a lógica de funcionamento da gestão pública*. 2017. 231f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/149909> Acesso em: 15 jan. 2025.

PEREIRA, E. C. *Ensaio de intercessão institucional em um CAPS – Centro de Atenção Psicossocial*. 2011. 115 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2011.

PÉRICO, W. *Contribuições da psicanálise de Freud e Lacan a uma psicoterapia Outra: a clínica do sujeito na Saúde Coletiva*. 2014. 164 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2014.

PÉRICO, W. *Ensaio sobre psicanálise, instituições e luta de classes no campo de Saúde Mental Coletiva*. 258 f. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Educação e Humanidades, Instituto de Psicologia, Rio de Janeiro, 2021.

PROENÇA, F. A. *Análise Institucional da Assistência Social como política pública de direito social: desafios e impasses discursivos*. 2020. 128 f. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, São Paulo. 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/192446> Acesso em: 15 jan. 2025.

QUINET, A. *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SANTOS, L. A. *Planejamento participativo e Intercessão-pesquisa como dispositivos de participação e emancipação do trabalho e do trabalhador na Saúde Mental Coletiva*. 2011. 96 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - (Doutorado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, SP, Brasil, 2011.

SANTOS, W. R. O circuito familista na política de assistência social. *Textos & Contextos*, v. 16, n. 2, p. 388-402, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/24250> Acesso em: 19 mai. 2023.

SHIMOGUIRI, A. F. D. T. *O inconsciente é a política: contribuições do Dispositivo Intercessor para o saber-fazer da Terapia Ocupacional Psicossocial*. 2020. 295p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências

e Letras, Assis, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/202764> Acesso em: 15 jan. 2025.

SHIMOGUIRI, A. F. D. T. *Contribuições da psicanálise de Freud e Lacan e do Materialismo Histórico para a Terapia Ocupacional: uma clínica do desejo e do carência na Saúde Coletiva*. 2015. 134f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2015.

SOUZA, H. B. *O psicólogo no cenário do Sistema Socioeducativo em Meio Aberto: problematizando saberes e fazeres*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/191001> Acesso em 15 jan. 2025.

SOUZA, W. A. *A assistência social e o trabalho com as pessoas em situação de rua no CREAS: um campo de intercessão*. 2015. 168 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2015.

STRINGHETA, L. V. H. O. *Método intercessor e saúde mental – construindo saberes a partir da práxis*. 2007. 106 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2007.

TONON, F. H. *O adolescente consumidor de álcool e drogas e as internações: deslocamentos e posicionamentos para práticas psicossociais*. 2021. 255 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/202653> Acesso em: 15 jan. 2025.

VIEIRA, B. R. S. *As múltiplas dimensões do exercício profissional da assistente social: problematizando a práxis de trabalho no CRAS*. 2023. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Assis, São Paulo, 2023. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/items/a435bf7b-dfe7-4a2a-80f8-160903d4210e> Acesso em: 15 jan. 2025.